

CONTRADIÇÃO DO CAPITAL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO COMO PERIFERIA: DA CRISE DA FORMA-VALOR À EMERGÊNCIA DA FORMA- PERIFERIA

*CONTRADICTION OF CAPITAL
AND THE PRODUCTION OF
URBAN SPACE AS PERIPHERY:
FROM THE CRISIS OF VALUE-
FORM TO THE EMERGENCE OF
PERIPHERY-FORM*

*CONTRADICCIÓN DEL CAPITAL Y
PRODUCCIÓN DEL ESPACIO
URBANO COMO PERIFERIA: DE
LA CRISIS DE LA FORMA-VALOR A
LA EMERGENCIA DE LA FORMA-
PERIFERIA*

THIAGO CANETTIERI

Professor do Departamento de Urbanismo
Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG)
Belo Horizonte, MG
e-mail: thiago.canettieri@gmail.com

Resumo:

O presente artigo busca sugerir uma interpretação para a realidade contemporânea a partir da ideia de *condição periférica*. O autor argumenta no sentido de sugerir que ocorre no mundo hoje uma expansão da forma-periferia que se desdobra das contradições interna do capital. Essa situação implica uma mudança na forma da produção do espaço e na experiência do tempo que passa a ser marcada pelo signo da periferia e, assim, esta passa a indicar o futuro do mundo.

Palavras-chave: devir-periferia do mundo; condição periférica; crise da modernidade; trabalho

Terra Livre	São Paulo	ISSN: 2674-8355	Jul.-Dez../2022	37, v. 2, n.59	ISSN: 2674-8355
-------------	-----------	-----------------	-----------------	----------------	-----------------

Abstract:

This article seeks to suggest an interpretation of contemporary reality based on the idea of the peripheral condition. The author argues in the sense of proposing that in the world today there is an expansion of the periphery-form which unfolds from the internal contradictions of capital. This situation implies a change in the form of the production of space and in the experience of time which becomes marked by the sign of the periphery and, thus, this begins to indicate the future of the world.

Keywords: becoming-periphery of the world; peripheral condition; crisis of modernity; labour

Resumen:

Este artículo pretende sugerir una interpretación de la realidad contemporánea basada en la idea de la condición periférica. El autor argumenta en el sentido de proponer que en el mundo actual hay una expansión de la forma-periferia que se despliega a partir de las contradicciones internas del capital. Esta situación implica un cambio en la forma de producción del espacio y en la experiencia del tiempo que pasa a estar marcada por el signo de la periferia y, por lo tanto, esta comienza a indicar el futuro del mundo.

Palabras-clave: devenir-periferia del mundo; condición periférica; crisis de la modernidad; trabajo

Introdução¹

Em 2001 o arquiteto Rem Koolhaas (2001), olhando para a capital da Nigéria, Lagos, e um tanto quanto intrigado pela sobrevivência dos pobres naquela situação ficou fascinado pela inventividade que era mobilizada por aquelas pessoas que viviam numa cidade-favela. O arquiteto disse: *Lagos é o paradigma do futuro para as cidades de todo o mundo.*

No já conhecido artigo *Slumdog cities*, de Ananya Roy ([2011] 2017, pp.10-11), aparece uma crítica à Koolhaas, já que ele se apaixona pela “inventividade de seus moradores enquanto eles sobrevivem à labuta da megacidade. Ele vê tais respostas experimentais como criadoras de sistemas alternativos críticos engenhosos, um tipo de auto-organização criando intensas zonas emancipatórias”.

Koolhaas está certo em sugerir que o futuro de todo o mundo é a cidade de Lagos. Entretanto, não pelos motivos que ele esperava se tratar.

Irei argumentar neste texto que há uma tendência de que a produção do espaço nas cidades assuma a *forma-periferia*: como áreas degradadas, com construções precárias, pouco acesso aos serviços públicos, com a constante presença do desemprego e, por consequência, das formas, também precárias de viração, com altos índices de violência. A essa nova condição danificada e supérflua, a sua institucionalização enquanto padrão de produção do espaço e a

¹ Este texto é uma versão reformulada de um trabalho apresentado no XVI *Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, em 2019, e foi publicado em seus anais. O texto foi revisito e ampliado pelo autor, incorporando formulações cujo desenvolvimento ulterior só foram possíveis a partir da discussão no *GT Produção do espaço urbano numa perspectiva crítica*. O autor agradece enormemente a contribuição dos presentes e, em especial, dos coordenadores da sessão. Agradeço também a leitura, comentários, críticas e sugestões dos pareceristas anônimos.

sua generalização para todas as cidades do mundo, chamo de *devir-periferia do mundo*².

Entendo a forma-periferia como uma forma social histórica e espacialmente determinada que organiza a totalidade concreta do capital. Se a forma-valor foi o que “enformou” a sociabilidade propriamente capitalista, ela não se consolidou da mesma maneira em todos os lugares. Nos países periféricos a forma-valor nunca se realizou plenamente, mas, nessa condição truncada, produziu o que chamo aqui de forma-periferia.

O texto segue da seguinte maneira: primeiro apresentarei, de maneira breve, diferentes diagnósticos sobre essa tendência à periferização que vem sendo produzidos desde o começo da segunda década do século XXI. Em seguida, apresento, algumas interpretações desenvolvidas desde o pensamento crítico brasileiro sobre as periferias que, como penso, ajudam a entender as transformações recentes que se passa na sociedade. Este ponto leva a um terceiro: tal forma de produção do espaço implica, também, uma alteração na perspectiva de experiência do tempo. Na sequência, sugiro uma interpretação deste fenômeno a partir da crítica da economia de Marx e da forma como Henri Lefebvre ([1972] 2016) leu as transformações na segunda metade do século XX. Por fim, apresento como esse quadro geral pode ser explicado por um fenômeno de crise e dissolução de uma forma social historicamente determinada, a forma-valor, e como a forma-periferia ajuda a compreender essa transformação.

O devir-periferia do mundo: a periferia como critério universal

² Aqui, a referência é o trabalho de Achille Mbembe ([2013] 2019, p.20): “A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo*”.

Houve um tempo em que se esperava que o sentido da difusão do critério do que seria o universal partisse dos assim chamados centros em direção às periferias. Foi nessa perspectiva que se assentou a justificativa ideológica para a história da colonização, que atribuiu aos países centrais, as metrópoles, a *missão civilizatória*. Esse foi parte do movimento da modernidade.

Entretanto, parece ter acontecido, em um determinado momento, uma mudança dessa *geografia histórica da modernidade*. O sinal deste impulso civilizatório parece ter trocado de sinal. Não são as periferias que estão *atrasadas*, sempre correndo atrás da história. Ao contrário: são as periferias que não só primeiro experimentam o colapso da modernização, como indicam o futuro de todo o mundo nesse caminho. Como escreveu Roberto Schwarz (1993, p.10), no prefácio a edição brasileira de *O colapso da modernização*, de Robert Kurz (1993): “A crise procede da periferia para o centro”.

É, portanto, nas periferias que estão expostas com maior evidência as raízes da contradição da reprodução do capital – mais do que no próprio centro. Com o desenrolar de suas contradições, o capital – que durante muito tempo aparecia como ondas irradiando dos centros – apresenta hoje uma inflexão de sua planetarização e a consolidação do mercado mundial, não podendo a imagem do futuro ser outra, senão a da periferia que aperta o mundo como um cerco cada vez mais avançado.

Há um romance, pouco conhecido no Brasil, que é indicativo deste processo. *The good life elsewhere*, do moldávio Vladimir Lorchenkov (2003), conta a história ficcional de um grupo de conterrâneos do autor tentando emigrar para a Europa ocidental. A situação em que moravam, de precariedade, ausência

de serviços públicos, desemprego, característica deste pequeno país da periferia imediata da Europa, forçou a este grupo a emigrar. Mas as situações do grupo são muito adversas: Lorchenkov narra várias maneiras improvisadas que seus personagens tentam fazer para fugir para o centro. A história se segue com a persistência destes personagens para alcançar seu objetivo. Entretanto, o grupo se divide em um determinado momento. Uma das partes consegue chegar à Itália, onde esperava encontrar, neste *outro lugar*, uma *boa vida*, enquanto a outra parte do grupo acaba retornando a Moldávia. Há, no final desta desventura, uma inversão: aqueles que chegam à Itália pensam que ainda estão na Moldávia. Os que voltaram para a terra natal acreditam que chegaram na Itália. O que o livro de Lorchenkov demonstra não é exatamente um processo em que parece estar produzindo uma *indistinção* entre centro e periferia? Claro, não no sentido, da superação da forma-periferia, mas de sua generalização.

É isso que está em questão quando Hans Magnus Enzensberger (2003) faz um recorte de manchetes de jornais que descrevem situações catastróficas de países do terceiro mundo, reportagens que, como se sabe, se lê todos os dias. Entretanto, o ensaísta alemão arma uma arapuca para seu leitor: “Só os nomes dos lugares é que estão alterados. Na verdade, os cenários onde ocorrem não são Luanda e Colômbia, Monróvia e Sri Lanka, e sim, Roma, Frankfurt, Berlim e Atenas.

Mas este processo não é apenas invenção da criativa mente de Vladimir Lorchenkov (2003) ou resultado de um pessimismo catastrofista de Enzensberger (2003). A situação que se enfrenta já não pode ser evitada nem pela mídia tradicional que dá os nomes verdadeiros das cidades: já se vê o aumento gritante da pobreza nos

Estados Unidos resultando na explosão daqueles *homeless*³, o retorno imprevisto de cortiços com padrão de habitabilidade da época vitoriana no coração de Londres⁴, o surgimento de acampamentos precários ao longo do rio Sena, em Paris⁵, na Noruega o número de crianças em situação de pobreza não para de crescer⁶, quase a metade dos trabalhadores no Canadá estão em trabalhos precarizados (as mulheres em condição de trabalho precário já alcança 60%)⁷, na Alemanha, sobretudo em Berlin, aumenta o número de despejos por conta da impossibilidade dos inquilinos de pagar os alugueis⁸. Não é nenhuma surpresa, como já discuti em outra oportunidade (CANETTIERI, 2021), que nessa tentativa de apreensão de uma realidade desmoronada no Norte Global, se utilize como referência as cidades do Sul.

Vários diagnósticos de diferentes correntes teóricas parecem indicar uma tendência de periferização do mundo, mesmo que não utilizem explicitamente este termo. Por exemplo, Slavoj Žižek ([2017] 2019) argumenta que a principal contradição do capitalismo globalizado não é entre a classe dos detentores dos meios de produção e a classe trabalhadora, mas entre aqueles protegidos por uma redoma de civilização e aqueles que estão excluídos dela, reduzidos a uma vida nua (AGAMBEN, [1995] 1999). Žižek observa que quando os excluídos entram na diminuta

³ Cf. Reportagem no jornal The Guardian, do dia 31 de Maio de 2017: Human tragedy: homelessness jumps to record-breaking level.

⁴ Cf. Reportagem no jornal The Guardian, do dia 16 de Janeiro de 2018: The victorian slums are back.

⁵ Cf. Reportagem no jornal Le Monde, de 19 de Outubro de 2017: Ces 570 bidonvilles que la France ne veut pas voir.

⁶ Cf. Reportagem no jornal Norway in English, de 26 de Junho de 2017: Child Poverty on the rise in Norway.

⁷ Cf. Reportagem no jornal Huffpost, de 27 de Fevereiro de 2019: More than 1 in 4 Canadian professions are in precarious jobs

⁸ Cf. Reportagem no jornal The Local, de 20 de Setembro de 2018: Rising rents and evictions: Germany's housing crisis.

redoma civilizacional, ela entra em colapso. Herbert Böttcher (2018) e Achilles Mbembe ([2013] 2019) também observam a expansão da pobreza e da insegurança social no chamado Norte Global, com Böttcher enfatizando a crise dos refugiados e Mbembe destacando a descartabilidade institucionalizada. Comaroff e Comaroff (2012) descrevem como a Europa e a América estão evoluindo em direção à África, enquanto Paulo Arantes (2003) propõe a hipótese de uma "brasilianização" da sociedade capitalista, caracterizada pelo aumento das polaridades sociais e desigualdades.

A periferia se torna o critério para o universal decadente da modernidade. A precariedade avança, a violência avança, o desemprego avança. Em suma, a condição periférica avança: “tal estado de urgência se estendeu da periferia em direção ao centro”⁹ (ARANTES, 2019, s.p.). O autor continua: “o centro orgânico do sistema que também começou a se periferizar com a implosão contínua da sociedade do trabalho”¹⁰. Aumento do desemprego e da população sem teto, serviços públicos privatizados, uma reprodução da vida cotidiana precarizada com salários deprimidos (quando há) e outras estratégias de sobrevivência, além da violência sempre presente. Estas condições de vida estiveram sempre presentes na vida periférica.

A fratura brasileira do mundo: o que nossas cidades informam sobre o futuro

⁹ cet état d'urgence s'étendait de la périphérie vers le centre (tradução nossa).

¹⁰ le centre organique du système, qui a également commencé à se périphériser avec l'implosion continue de la société de travail (tradução nossa).

Entre os dias 15 de Julho de 1955 e 1 de Janeiro de 1960, a favelada Carolina Maria de Jesus ([1960] 2006) escreveu um diário. Neste diário estão registradas as dificuldades da mãe solteira, favelada, desempregada para sustentar sua família num ambiente de degradação. Ali já está registrado a viração que Carolina Maria tinha que se submeter, catar papelão, catar metal, trabalhar de lavadeira, de doméstica. Mesmo assim, são frequentes os relatos da fome perversa que abatia sobre sua humilde residência e seus vizinhos. Os sonhos eram, sistematicamente, frustrados:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, [1960] 2006, p.84).

A dura realidade dos meandros da vida cotidiana dessa trabalhadora foram registrados em toda sua crueza nas páginas dos seus diários. Mas mesmo depois de mais de 60 anos dessas palavras, essa situação ainda insiste em se repetir. A melhora da qualidade de vida que boa parte da classe trabalhadora alcançou parece não ter sido definitiva e corre o risco de retornar as condições de mais de meio século atrás.

Seria necessário, então, fazer referência a uma tradição de estudos urbanos críticos que se originou no Brasil. Um grupo de intelectuais, principalmente sediado em São Paulo, baseando-se nas obras de Marx, preocupou-se em entender e explicar a forma como o processo de acumulação se manifestava nas cidades. Dentre os vários intelectuais brasileiros, três em particular - Francisco de Oliveira ([1972] 2003), Lúcio Kowarick (1979) e Ermínia Maricato (1996) - são fundamentais em minha opinião. Para lidar com os problemas que enfrentavam, esses intelectuais periféricos tiveram

que abordar a produção do espaço, mesmo quando não se referiam diretamente a Henri Lefebvre ([1974] 1991).

Os autores reconhecem que a produção do espaço em uma situação periférica é precária. Eles descobriram que a exploração da força de trabalho nos países periféricos é um fator crucial na pavimentação do caminho para a globalização capitalista. Essa superexploração resultou em estratégias de produção do espaço que foram determinadas pelo poder do capital e pela sobrevivência dos trabalhadores. Esses autores seguiram pistas que levaram a uma teoria crítica do urbano, reconhecendo que a cidade e sua produção são partes decisivas da produção e reprodução do capital. Pedro Fiori Arantes (2009, p.104) destaca esse aspecto:

Como a reprodução da força de trabalho é um fenômeno que se dá no espaço, sua condição precarizada gerava reciprocamente uma urbanização *sui generis*. As definições de “periferia”, “espoliação urbana” e da “autoconstrução da moradia” foram fundamentais para aclimatar os conceitos da sociologia francesa a essa situação particular.

O processo de urbanização no Brasil se dá pela expansão das periferias. De acordo com Francisco de Oliveira ([1972] 2003), a industrialização e a entrada do Brasil no mercado mundial do capital só foram possíveis graças à interdependência entre o moderno e o atrasado. Segundo o autor, a expressão do capitalismo no capitalismo periférico se manifestava a partir da funcionalização do arcaico pelo e para o desenvolvimento econômico do país. Assim, essa dinâmica de “industrialização dos baixos salários” (OLIVEIRA, [1972] 2003) produziu uma paisagem urbana análoga: a urbanização dos baixos salários, marcada pela autoconstrução das casas e pela ocupação irregular da terra (MARICATO, 1996). Neste sentido, Lúcio Kowarick (1979) via um processo de dilapidação da força de trabalho, tanto causa como efeito, do processo de

desenvolvimento econômico, nomeado pelo autor como “espoliação urbana”.

A população que vive nas periferias enfrenta uma série de desafios e extorsões, incluindo trabalhos informais e precários (ABÍLIO, 2018). Aqueles que são empregados formalmente lidam com baixa remuneração e uma alta carga de trabalho (ANTUNES, 2018). Além disso, convivem com penosos deslocamentos entre trabalho e moradia (LAGO, 2009). A precariedade se manifesta em diferentes dimensões da vida cotidiana: situações de insegurança alimentar (PEREIRA; SANTOS, 2008); aumento de drogas ilícitas (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002); uso de medicalização psicotrópica em excesso (MENDONÇA, 2009) e o aumento do endividamento dos indivíduos e famílias (SANTOS, 2014). Frequentemente, as periferias são alvos de operações de pacificação pelas forças do Estado (PEREIRA BARROS, et. al. 2018), alvo da gestão punitiva-carcerária (WACQUANT, 2007) e das guerras entre tráfico, milícias e forças de segurança (MENEGAT, 2019). Para sobreviver na adversidade (HIRATA, 2017) é necessário lançar mão de várias estratégias¹¹: ocupar terrenos para fugir dos aluguéis, selecionar os gastos meticulosamente entre remédio, reparo na habitação ou carne na alimentação, fazer uma verdadeira *via sacra* pelos supermercados para aproveitar diferentes promoções¹². Se Christophe Dejours (1998) estava convencido de ter descoberto a intensificação do sofrimento social *no* e *pelo* trabalho, na periferia do capitalismo a dimensão do sofrimento guarda relação com a

¹¹ Aqui, seria impossível deixar de remeter, sobre este assunto, o trabalho de peso organizado por Cabanes, Georges, Rizek e Telles (2011).

¹² Todos os exemplos foram retirados da reportagem de Felipe Souza para a BBC Brasil. Cf. Reportagem no jornal BBC Brasil, de 08 de agosto de 2017: “Você compra remédio ou comida: as escolhas das famílias que vivem com um salário mínimo em SP”.

própria reprodução da vida. Trata-se de uma forma histórica e espacialmente específica de reprodução social.

Dessa maneira, é possível considerar que se desenrola uma forma própria de reprodução social na periferia e, assim, a forma-periferia descreveria uma complexa rede de mediações, tanto materiais, como subjetivas e simbólicas, que sustentam e reproduzem a vida cotidiana de territórios específicos no interior das determinações do capital em um sentido negativo.

Periferias e o fechamento do horizonte de expectativas

Em um determinado momento do clássico de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, o sertanejo observa atentamente, depois de meses de expectativa ansiosa, o horizonte neste dia de São José. Este dia traz consigo o último augúrio. Este dia era, depois da espera paciente dos meses anteriores, o índice dos meses subsequentes:

Retrata-lhe, abreviadas em doze horas, todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante este dia chove, será chuvoso o inverno. Se, ao contrário, o Sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças (CUNHA, [1902] 1982, p.60)

Pode-se imaginar a mente do sertanejo, ansioso com este dia. Ele iria definir a sua vida nos próximos meses. Mas, como a vida do sertanejo é dura como o solo da caatinga, Euclides retrata a aridez dessa quebra de expectativa. Sem qualquer mediação, o parágrafo seguinte é mínimo: “a seca é inevitável”. Não havia mais nada para ser feito, a fatalidade já era incoercível e independe da vontade do sertanejo.

Há algo nessa passagem d’*Os Sertões* que serve para esclarecer algo sobre uma nova *experiência do tempo histórico*. No

momento que o sertanejo percebe, com o avançar das horas no dia de São João, que não há chuva à vista, suas expectativas em relação ao futuro são jogadas na terra empoeirada e rachada. Expressão *avant la lettre* do que Mark Fisher (2009) percebeu com o nome de *impotência reflexiva*. Em sua percepção, as gerações depois da década de 1970 estavam sujeitas a uma economia libidinal específica: os indivíduos sabem que as coisas estão indo mal, mas sabem muito bem que não podem fazer nada a respeito disso. Assim, essa reflexividade opera como uma espécie de “profecia autorrealizadora” entrando em um círculo vicioso de frustração e desilusão.

Talvez quem melhor desenvolveu uma *filosofia da história* para captar esse momento tenha sido Paulo Arantes (2014) em seu livro *O novo tempo do mundo*. Se valendo da nomenclatura mobilizada por Reinhart Koselleck ([1979] 2013) para entender a experiência do tempo na modernidade, Paulo Arantes identifica uma *nova era*. Koselleck utiliza a ideia de *espaço de experiência e horizonte de expectativas* para estabelecer como se percebe o passado e o futuro. Essa relação propriamente pré-moderna, diz o historiador, era estabelecida por uma conexão direta: o espaço de experiência informa diretamente o horizonte de expectativas. A experiência da modernidade, que nasce com o Iluminismo, muda radicalmente essa relação, pois incorpora profundamente a ideia de *progresso*. Com o progresso, o espaço de experiência não coincide com o horizonte de expectativas, este será sempre maior do que aquele. A curva da história seria ascendente, a humanidade teria altas expectativas pela frente. Entretanto, o alarme de incêndio não passou despercebido de Walter Benjamin ([1922-1933] 1986) que, na Primeira Guerra Mundial, a guerra que o *mainstream* dizia ser

a “guerra para acabar com todas as guerras”, já via danos causados na experiência. E em menos de duas décadas já se viu nas garras do fascismo. Mas ainda assim, os ideólogos do progresso viam apenas desvios e que, inexoravelmente, o futuro era de otimismo. Essa versão legitimadora do progresso teve que se haver com um fato que, segundo Paulo Arantes (2014, p. 66) se tornou incontornável: “aviso aos navegantes: *end of dreams*, portanto. Ora, fazia algum tempo, [...], que o horizonte do mundo vinha encolhendo”. As promessas de desenvolvimento e progresso colocados pela ordem hegemônica do capital foi estrangulada por uma economia sitiada e deixa o mundo a ruir sobre a cabeça dos indivíduos que tentam sobreviver neste mundo transtornado. Assim, entra-se, com toda pompa e circunstância, numa *era das expectativas decrescentes*. O horizonte de expectativas agora está apenas alguns milímetros acima do mar de lama de um capitalismo em crise.

Vale notar que essa experiência de *expectativas decrescentes*, de certa forma, já estava inscrita nos corpos periféricos. Por exemplo, o trabalho da Lorena Freitas (2011, p.298) analisa o “fracasso em massa da educação da ralé brasileira” e descobre que entre os estudantes da periferia, em geral, há uma série de dificuldades, provenientes do tipo de socialização que experimentam cotidianamente, que os leva a uma descrença profunda com sua capacidade de aprendizado e, por consequência, com as expectativas de ascensão social. A destruição da sociedade do emprego em sua forma tradicional fez explodir uma diversidade de formas de reprodução. Na era que o emprego não é mais a forma privilegiada de reprodução social, como escreve Verónica Gago ([2017] 2018), ocorre um reordenamento das práticas sociais. O emprego formal e estável, tal qual existiu na época fordista

(HARVEY, [1992] 2012), oferecia também uma certa perspectiva de temporalidade alargada. A destruição dessa forma de emprego é, também, a destruição de uma forma de experiência do tempo. Essa nova temporalidade é sintetizada por François Hartog ([2003] 2013, p. 148):

Para o desempregado, um tempo cotidiano, sem projetos possíveis, é um tempo sem futuro. Para esses homens sem futuro, o tempo parece se aniquilar, pois o trabalho assalariado é o suporte, se não o princípio, da maior parte dos interesses, das expectativas, das exigências, das esperanças e dos investimentos no presente, assim como no futuro ou no passado que ele envolve. O desemprego contribui fortemente para o confinamento no presente e para um presentismo, agora penoso e desesperado.

O emprego transformado em viração (ABÍLIO, 2018) resulta no fechamento das expectativas. A forma de sobrevivência passa, portanto, pela capacidade de mobilizar dinheiro sem uma identidade estável no emprego, mas por diferentes atividades, em geral, informais. Se a chamada economia de plataformas e o trabalho digital amplificaram essa precarização (ANTUNES, 2020), vale ressaltar que essa realidade sempre esteve presente nas sociedades periféricas. O emprego formal e estável sempre foi escasso nessas localidades precárias e já informava a experiência de tempo com horizontes declinantes desde muito tempo. Com o aprofundamento da crise, essa faceta da condição periférica ilumina o futuro de todo o mundo.

Da crise da forma-valor à emergência da forma-periferia¹³

¹³ Essa seção foi construída a partir de textos que o autor publicou no blog *Passa Palavra* em 2022.

Com o desenvolvido até aqui, espero ter deixado suficientemente claro todo o desdobramento que a afirmação de Rem Koolhaas citada na introdução deste artigo assume: as periferias são o futuro do mundo. Por mais que as formas sociais especificamente capitalistas se colocassem de maneira imperiosa como critério de sociabilidade, elas nunca se colaram por completo na prática cotidiana da periferia.

Por que forma periferia? Aqui devemos lembrar que a condição periférica “normal” já era o anúncio da condição de crise – um estado fungível, uma existência supérflua, uma vida danificada. Segundo Roberto Schwarz (1999, p.194), “Boa parte da degradação social em curso no mundo hoje não é decorrente da provada exploração capitalista, sim, ao contrário, da ausência dessa exploração”.

O resultado do desabamento irreversível do mundo do trabalho, reduzido a escombros, não se restringe apenas à esfera propriamente econômica. A posição que o trabalho ocupou, como uma categoria determinante da sociabilidade moderna, o fez ser a forma básica de mediação social, o meio pelo qual se garante a reprodução material dos indivíduos e a formação e consolidação do reconhecimento intersubjetivo e que, dessa maneira, regulou durante muito tempo a sociedade capitalista.

Contudo, essa nova identidade de crise — que, na verdade, sempre esteve presente na periferia — implica rupturas estruturais com as formas pelas quais os membros da sociedade produtora de mercadoria foram socializados. A forma-valor que garantiu a aderência dessa sociabilidade, ao entrar em crise, coloca uma parcela gigantesca da humanidade em uma condição de superfluidade ao mesmo tempo em que, mesmo em crise, vale

destacar, o surgimento de novas relações sociais está bloqueado. “Passamos do ‘horror civilizado do sobretrabalho’ que Marx se referiu à sua época para o horror barbarizado dessa forma de mediação social em crise” (CANETTIERI, 2020, p.29).

Nesse contexto, os indivíduos assumem sua própria existência como “capital humano”, ainda que este seja simplesmente seu corpo nu. Assim, se veem coagidos a se lançarem nas águas turbulentas da concorrência asselvajada como uma horda de Ulisses precários enfrentando cada qual a sua própria odisseia particular. Essa experiência de decadência social deve ser lida de maneira dialética: produz uma massa de humanidade indesejada, porém necessária; supérflua para os fins da acumulação, mas, ao mesmo tempo, integrada às tramas da dominação social.

O que importa ressaltar aqui é uma tensão produzida pela sociedade contraditória do capital em colapso. A crise absoluta do capital decorrente da eliminação dos postos de trabalho implica a dissolução da forma social especificamente capitalista, a saber, o trabalho. Esses sujeitos expelidos das esferas produtivas podem até participar da circulação, mas já não integram mais a valorização do valor e se tornam supérfluos à acumulação. Vale notar, esse grupo não para de crescer com a descontemporização do trabalho diante do próprio desenvolvimento do capital (KURZ, [2012] 2014). O colapso da modernização não é o desmantelamento do capitalismo, mas o aprofundamento das contradições que dissolvem os fundamentos da forma historicamente determinada de sociabilidade.

A maioria da população mundial já consiste hoje, portanto, em sujeitos-dinheiro sem dinheiro, em pessoas que não se encaixam em nenhuma forma de organização social, nem na pré-capitalista,

nem na capitalista, e muito menos na pós-capitalista (KURZ, [1991] 1993, p.112).

Essa ausência de organização social é a condição periférica já há muito tempo. O que se tem nas periferias dos países periféricos são formas de existência social que estiveram nesse entremeio: incluídas na acumulação capitalista, mas mantidas no círculo mais externo dessa sociabilidade, com tramas tão finas que a própria reprodução da vida periférica é complementada com práticas “atrasadas” — entretanto, como já visto, essa é a pré-condição para sustentar, mesmo que com escoras, o processo de modernização e seu colapso. Por isso, parece-me que estratégias familiares de reprodução da vida periférica podem informar sobre os rumos da vida cotidiana depois do colapso da desativação do progresso, da destruição do desenvolvimento e da dissolução das formas-sociais modernas. No lugar das formas-sociais próprias da modernidade, é a forma-periferia que oferece a unidade sintética do processo de colapso. Enfatizar a forma-periferia significa dar ênfase ao derretimento das formas sociais anteriormente erigidas no sistema produtor de mercadorias.

Assim, podemos designar a forma-periferia como um princípio de organização da sociabilidade capitalista na medida em que a forma-valor entra em crise, mas não se destitui como critério definidor da prática social. Essa condição liminar coloca uma parcela gigantesca da humanidade em um regime de superfluidade — que foi mais ou menos generalizada desde muito tempo nos países colonizados. As expectativas declinantes da modernização inauguram um novo regime histórico no qual a forma-periferia torna-se o índice de todo o mundo. Neste momento interessa colocar em relevo o decaimento que as categorias da modernização sofrem ao longo do colapso. Dentre essas, estão as categorias de centro e

periferia, categorias próprias da modernização que estabelecem a diferenciação relativa entre os diferentes lugares (e em variadas escalas) permitindo organizar a experiência da modernidade. Mais ainda, esse par de categorias é entendido como uma unidade relacional: de certa forma um termo pressupõe o outro.

O interesse de definir a forma-periferia como o elemento que oferece a unidade sintética do processo de colapso permite colocar em destaque o derretimento das formas sociais anteriormente erigidas no sistema produtor de mercadorias e, assim, tentar compreender a reprodução ampliada de uma forma social decadente. No momento em que essa nova forma se desenvolve, a forma-periferia, que nasce e progride da dissolução da forma-valor, obriga a um rearranjo do capital e de suas formas de dominação. Como visto anteriormente, se o trabalho foi durante muito tempo o terreno em que se efetivava a dominação social do capital através do tempo, conforme argumenta Postone ([1993] 2014), à medida que esse princípio social sai de cena por conta dos rearranjos técnicos na esfera da produção, outra forma de dominação é colocada como princípio de mediação social: uma dominação pela precariedade da vida na forma-periferia.

O espaço periférico é caracterizado por uma precariedade constitutiva que, como lembra Isadora Guerreiro (2022, s.p.), “perpassa o modo de reprodução do capital” nos países de economia dependente, e determina, portanto, as relações de trabalho, de reprodução social, normas jurídicas e, também, de produção do espaço.

A particularidade dessa forma específica foi captada, por exemplo, em Lúcio Kowarick (1980), como resultado de uma dinâmica de “espoliação urbana”. Em adição, o espaço periférico

também é identificado por uma mediação jurídica: espaços irregulares, ilegais ou informais (MARICATO, 1996). Contudo, esses aspectos, embora condicionantes da vida cotidiana periférica, ainda não chegam à dimensão da produção do espaço. Nesse sentido, Guerreiro (2022, s.p.) sugere pensar a produção do espaço periférico a partir da noção de precariedade, partindo das formas que os valores de uso do espaço e suas formas imediatas de produção assumem:

a falta de infraestrutura, a falta de acesso aos equipamentos e serviços públicos, a falta de recursos para compra de materiais e contratação de força de trabalho. Uma incompletude permeada de violência direta, como zonas de fronteira, que negociam continuamente a relação com a lei – conformadora das relações de troca das mercadorias (GUERREIRO, 2022, s.p.).

Dessa maneira, assumir a tese da produção do espaço como periferia significa reconhecer que o processo de universalização da condição periférica implica na produção dessas formas espaciais precárias. O aprofundamento e desenvolvimento da crise do capital implica na convergência das formas sociais propriamente capitalistas com a forma-periferia, isto é, a forma-periferia (que antes esteve restrita a um determinado espaço) se difunde sobre as outras.

Assim como a forma-valor governou a produção do espaço a partir da industrialização (LEFEBVRE, [1974] 1991), argumento aqui que a forma-periferia assume hoje a determinação da produção do espaço, como um desdobramento negativo interno da contradição da totalidade concreta do capital.

Procurei demonstrar na seção anterior que a forma-valor é movimentada por um espírito de contradição. Em seu próprio processo de efetivação ocorre sua dessubstancialização. Esse processo se objetiva socialmente produzindo, em um só golpe, a

obsolescência da sociabilidade baseada na forma do valor e a generalização das precariedades constitutivas da periferia, ou seja, a universalização da forma-periferia.

Tentando esclarecer melhor esse argumento, poderia dizer que a forma-periferia é uma espécie de “sombra” da forma-valor (CANETTI, 2020). A primeira se estende à medida que a segunda é eclipsada pela crise. Podemos, no entanto, entender a periferia como uma espécie de negativo do valor que se dissemina com o aprofundamento da crise. Essa contraposição não significa substituição. Afinal, a forma-valor é ainda o “critério definidor da prática social”; mas, ao se tornar dessubstancializada, essa prática social se assemelha cada vez mais àquela que se desenvolve nas periferias dos países periféricos. A forma-valor é mantida como um critério morto, anacrônico com a realidade, mas que se perpetua. Essa perpetuação negativa, se é que podemos dizer assim, é a própria forma-periferia. A dessubstancialização do valor por conta da contradição interna do capital abre espaço para a generalização de uma nova forma social de mediação inter-pessoal constituída pela precariedade e reconfigura as maneiras que a dominação social se efetiva.

Ou seja, outro terreno para o exercício da dominação se revela, estendido para a vida inteira, na medida em que o tempo de trabalho – que foi o alvo das baterias da crítica de Marx – sai de cena. A condição periférica, como expressão das contradições do capital, e sua expansão para todo o mundo, tem a ver com o próprio desenrolar contraditório do capitalismo, já que coloca em evidência a precariedade como o grau zero da sociedade da modernidade tardia.

Este momento de automação da produção e de crescente desemprego que se atravessa deixa entrever a dissolução das formas sociais. O trabalho, a partir do qual funcionou durante muito tempo a pedra angular do reconhecimento intersubjetivo no capitalismo, desocupa esse lugar. A dominação social abstrata do capital não se enfraquece com isso, ela ganha uma nova forma que, a meu ver, deve ser entendida pela lente da condição periférica. Isso obrigaria a entender uma anamorfose do valor. Não é mais no emprego que se identifica a dominação social do capital, agora ela é estendida para toda a vida atravessada pela condição periférica (CANETTIERI, 2020). Ou seja, a condição periférica constitui uma transformação do meio de exercício da dominação social que já não se realiza somente no tempo de trabalho, que se torna cada vez mais escasso. O exercício da dominação abstrata do capital agora depende da imposição da precariedade e sua extensão para todas as esferas da vida.

A precariedade constitutiva da forma-periferia agora se torna a regra e descobrimos que a elaboração de periferias já não depende apenas do crescimento do capitalismo, mas que seu colapso também ocorre pela elaboração de periferias. Trata-se, assim, de encontrar as tensas relações que existem entre valor, periferia e crise. Se antes a periferia era uma espécie de *conditio sine qua non* para a forma-valor, o desenvolvimento contraditório do capital que esbarra agora em seus limites lógicos reconfigura essa relação: a periferia é agora também o resultado do desdobramento dessa forma social decadente.

Considerações finais

Neste texto, busquei desenvolver um aparato conceitual capaz de descrever e analisar a situação que vivemos. O contexto de crise do capital produz, de um lado, a dissolução de uma forma historicamente determinada de mediação social e, de outro, faz generalizar a precariedade própria da forma-periferia.

Para compreender esse fenômeno parece ser mais vantajoso olhar para a periferia. Como já escreveu Roberto Schwarz (1999), a periferia guarda uma certa “vantagem epistêmica” na análise do colapso da modernização, que avança da periferia em direção ao centro. A periferia se torna um prisma capaz de refletir o mundo, pois se tornou “[...] o sintoma privilegiado, se é que podemos dizer assim, da crise aguda pela qual o sistema capitalista está passando em todas as suas dimensões”¹⁴ (ARANTES, 2019, s.p.). Cada vez mais estes sintomas aparecem de maneira generalizada por todo o corpo social porque há um devir-periferia do mundo (CANETTIERI, 2020).

A modernização entrou em debacle junto com a crise do capital e a dissolução das formas sociais. O interessante a se notar é que este colapso, o da modernidade, já estava inscrito na vida periférica desde sempre. Na verdade, a impossibilidade de entrada da periferia a totalidade da modernidade foi condição para o desenvolvimento das formas sociais do capital.

Contudo, com o desenvolvimento da contradição do capital, esse modo de vida que se desenrola sob escombros já não é mais exclusividade da periferia. Agora se estende também sobre o centro. Essa *condição periférica que se alastra* é, então, resultado do desdobramento das contradições do capital¹⁵.

¹⁴ “[...] symptôme privilégié, si nous pouvons parler ainsi, de la crise aiguë que traverse le système capitaliste dans toutes ses dimensions” (tradução nossa).

À medida que a forma-periferia se desenvolve, resultante da dissolução das formas anteriores, ocorre uma reorganização do capital e de suas formas de dominação. Conforme já discutido anteriormente, se o trabalho foi por muito tempo o campo onde a dominação social do capital se efetivava por meio do tempo, com o desaparecimento desse princípio social devido às mudanças técnicas na esfera da produção, outra forma de dominação surge como princípio de mediação social: a dominação por meio da precariedade da vida na forma-periferia.

A dominação social abstrata na crise do capital é exercida no sentido de garantir a manutenção fetichista da sociedade e seus princípios de mediação, mesmo que este se encontrem dessubstancializado. Uma tentativa de estabilizar um movimento crítico autodestrutivo. A acumulação efetiva de capital, por conta dos desdobramentos de sua contradição interna, é substituída por uma acumulação fictícia que garante uma aparência de continuidade. Por isso, olhar para o terreno social e suas transformações no sentido da generalização da forma-periferia, pode oferecer pistas para compreender o momento presente.

Referências

¹⁵ *Condição periférica* e *forma-periférica* são termos relacionados, contudo, não são sinônimos. Utilizo a noção *forma-periféria* aqui como uma forma social, isto é, uma espécie de enquadramento da mediação social própria de territórios periféricos que, como argumentei, se generaliza com a crise. Por *condição periférica* designo o conjunto dos elementos que formam a dimensão concreta da experiência da periferia (para citar alguns, poderia mencionar a precariedade, o fechamento do horizonte de expectativas, a viração, a violência, entre outros). Vale ressaltar que ambas definições não se pretendem unidimensionais. Utilizo ambas para designar, como dito, uma expressão da sociabilidade capitalista em crise que, a meu ver, oferece uma unidade sintética capaz de compreender a realidade contemporânea.

ABÍLIO, L. C. Uberização e viração: mulheres periféricas no centro da acumulação capitalista. **Margem Esquerda**, n.31, p.54-59, 2018.

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1995] 1999.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: ANTUNES, R. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARANTES, P. A fratura brasileira do mundo. In: ARANTES, P. (Org.). **Zero à esquerda**. São Paulo: Conrad, 2003.

ARANTES, P. F. Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970. **Novos Estudos**, n.83, p.103-128, 2009.

ARANTES, P. L'autre sens: une théorie critique à la périphérie du capitalisme. (Entrevista). **Revenue Variations**, n.22, 2019.

ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BACKHAUS, H.-G. On the dialectics of the value-form. **Thesis Eleven**, v.1, n.1, p.99-147, 1980.

BENJAMIN, W. **Documento de cultura, documento de barbárie**. São Paulo: Edusp, [1922-1933] 1986.

BOTTCHER, H. Capacidade de acção – e em concreto. **Exit!**. 2018. Disponível em: http://www.obeco-online.org/herbert_bottcher2.htm Acessado em: 14 mar. 2019.

CABANES, R.; GEORGES, I.; RIZEK, C.; TELLES, V. **Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

CANETTIERI, T. **A condição periférica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

CANETTIERI, T. As cidades do Sul Global como referências globais do colapso. **VIRUS**, v.1, n.23, 2021.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Caderno de Pesquisas**, n.116, p.143-176, 2002.

COMAROFF, J.; COMAROFF, J. Theory from the south: or how Euro-America is evolving toward Africa. **Anthropological Forum**, v.22, n.2, p.113-131, 2012.

CUNHA, E. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1902] 1982.

DEJOURS, C. **Souffrance en France: la banalization de l'injustice sociale**. Paris: Seuil, 1998.

ENZENSBERGER, H. M. **Ziguezague: ensaios**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FISHER, M. **Realism capitalism: is there no alternative?** New York: Zero Books, 2009.

FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, J. (Org.). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GAGO, V. **A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular**. São Paulo: Elefante, [2017] 2018.

GUERREIRO, I. A elaboração de periferias pelo capitalismo. **Passa Palavra**, 06 de junho de 2022. Disponível em: <https://passapalavra.info/2022/06/144337/> Acesso em: 14 jun. 2023.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, [2003] 2013.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, [1992] 2012.

HIRATA, D. **Sobreviver na adversidade: mercados e formas de vida**. São Carlos: Editora UFScar, 2017.

JAMESON, F. **Representing Capital: a reading of volume one**. Nova York: Verso Books, 2011.

JESUS, M. C. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, [1960] 2006.

KOOLHAAS, R. **Lagos: How it works**, Nova York: Lars Müller Publishers, 2001.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1979] 2013.

KOWARICK, L. **Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

KURZ, R. **A crise do valor de troca**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, [1986] 2018.

KURZ, R. **Dinheiro sem valor: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política**. Lisboa: Antígona, [2012] 2014.

KURZ, R. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1991] 1993.

LAGO, L. Trabalho e moradia na periferia: para uma política urbana economicamente orientada. **Revista em Pauta**, v.6, n.24, p.31-47, 2009.

LEFEBVRE, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1972] 2016.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell Publishing, [1974] 1991.

LORCHENKOV, V. **The good life elsewhere**. Nova York: New Vessel Press, 2003.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Série Estudos Urbanos, 1996.

MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, [1858] 2011.

MARX, K. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, [1867] 2013.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1, [2013] 2019.

MENDONÇA, R. **A medicalização de conflitos: consume de ansiolíticos e antidepressivos em grupos populares**. Tese. (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2009.

MENEGAT, M. **A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

OLIVEIRA, F. **Crítica da Razão Dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, [1972] 2003.

PEREIRA BARROS, J. P.; PAIVA, L. F.; RODRIGUES, J.; SILVA, D.; LEONARDO, C. Pacificação nas periferias: discursos sobre as violências e o cotidiano de juventudes em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9, n.1, 2018, p. 117-128.

PEREIRA, R.; SANTOS, L. A dimensão da insegurança alimentar. **Revista de Nutrição**, v.21, p.7-13, 2008.

POSTONE, M. **Tempo, trabalho e dominação social**. São Paulo: Boitempo, [1993] 2014.

ROY, A. Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. **e-metropolis**, n.31, ano 8, [2011] 2017, p. 6-21.

SANTOS, K. Uma nova pobreza urbana? A financeirização do consumo na periferia de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.16, n.1, p.153-167, 2014.

SCHWARZ, R. **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, R. Um livro audacioso (prefácio). In: KURZ, Robert. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1991] 1993.

WACQUANT, L. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZIZEK, S. **A coragem da desesperança**. São Paulo: Zahar, [2017] 2019.

Submetido em: 22 de fevereiro de 2023.

Devolvido para revisão em: 12 de maio de 2023.

Aprovado em: 14 de junho de 2023.

CANETTIERI, T. CONTRADIÇÃO DO CAPITAL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO COMO PERIFERIA: DA CRISE DA FORMA-VALOR À EMERGÊNCIA DA FORMA-PERIFERIA. **Terra Livre**, [S. 1.], [s.d.]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2897>. Acesso em: 22 jul. 2023.